

Ensino remoto de práticas corporais para os estudantes de terapia ocupacional no contexto da pandemia por COVID-19: desafios e aprendizados

Remote teaching of body practices for occupational therapy students in the context of the COVID-19 pandemic: challenges and lessons learned

Rosé Colom Toldrá¹, Camila Cristina Bortolozzo Ximenes de Souza²

<https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v32i1-3e203958>

Toldrá RC, Souza CCBX. Ensino remoto de práticas corporais para os estudantes de terapia ocupacional no contexto da pandemia por COVID-19: desafios e aprendizados. Rev Ter Ocup Univ São Paulo. 2021-2022 jan.-dez.;32(1-3):e203958.

RESUMO: As práticas corporais são parte significativa da formação e dos recursos terapêuticos utilizados por terapeutas ocupacionais. Sua aprendizagem implica na compreensão e experimentação da aplicação de diferentes técnicas, bem como do entendimento das diversas dimensões e relações destas com o corpo. Assim, o ensino das práticas corporais na pandemia por covid-19 trouxe desafios e aprendizados. *Objetivo:* Refletir sobre o ensino remoto ministrado na disciplina de Terapia Ocupacional e as Práticas Corporais II no Curso de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, campus capital. *Método:* Relato de experiência do ensino remoto desta disciplina no período da pandemia por Covid-19. *Resultados:* Identificou-se o aprendizado dos conteúdos, dos métodos e sua aplicação supervisionada em familiares/amigos dos estudantes, ainda que o ensino remoto de práticas corporais esteja longe do ideal. A maioria dos estudantes avaliou positivamente a oferta da disciplina valorizando as ferramentas digitais e estratégias para aprender a cuidar de si e do outro. Porém, foram evidenciadas desigualdades de acesso ao ensino remoto e às condições de moradia para participação na disciplina. *Conclusão:* Ainda que a disciplina tenha atingido seus objetivos possibilitando espaços de cuidado essenciais no período de pandemia constatou-se perdas no processo de ensino e aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino remoto; Pandemia por Covid-19; Terapias mente e corpo; Práticas corporais; Terapia ocupacional.

Toldrá RC, Souza CCBX. Remote teaching of body practices for occupational therapy students in the context of the COVID-19 pandemic: challenges and lessons learned. Rev Ter Ocup Univ São Paulo. 2021-2022 Jan.-Dec.;32(1-3):e203958.

ABSTRACT: Body practices are a significant part of training and important therapeutic resources used by occupational therapists. In order for these practices to be learned, it is necessary to understand the application of the different techniques and the different dimensions and relationships of these with the body. Thus, the teaching of body practices in the context of the pandemic has brought challenges and learnings. *Objective:* To reflect on remote teaching during the discipline of Occupational Therapy and Body Practices II in the Occupational Therapy Course at the University of São Paulo, capital campus. *Method:* Experience report of remote teaching of the discipline during the Covid-19 pandemic period. *Results:* Students learned content, methods and applied them under supervision to their family/friends, but the remote teaching of body practices is far from expected. Most students evaluated the offer of the discipline as positive, specially the use of digital tools and strategies to learn to take care of themselves and the others. However, there were inequalities in access to remote teaching and housing conditions for participation in the discipline. *Conclusion:* Although the discipline has achieved its objectives, allowing spaces for care in the pandemic period, there were losses in the teaching and learning process.

KEYWORDS: Distance learning; Covid-19 pandemic; Mind-body therapies; Body practices; Occupational therapy.

1. Professora Doutora, do Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP. Doutora em Sociologia da Saúde pela Universitat de Barcelona – Espanha. <https://orcid.org/0000-0001-9181-1519>. E-mail: rosetoldra@usp.br
2. Doutora em Humanidades pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Professora Doutora temporária do Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, cidade de São Paulo/SP, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-3268-8316>. E-mail: camila.reata@usp.br

INTRODUÇÃO

As práticas corporais compõem um conjunto de recursos que ampliam modos de ser, relacionar-se e movimentar-se, consideradas como potentes tecnologias de cuidado. Elas complexificam o conceito de saúde e do processo saúde-doença¹ podendo ser utilizadas para promoção, prevenção, proteção e educação em saúde, a partir da apropriação do próprio corpo, desenvolvimento da autopercepção e melhor utilização das capacidades corporais².

No curso de graduação em Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo - campus capital, a temática sobre o corpo é abordada de modo longitudinal e transversal no currículo, em uma tentativa de desenvolver os conteúdos de modo mais complexo, tentando superar uma visão biomédica que pressupõe uma fragmentação entre mente-corpo.

No Projeto Político Pedagógico, quatro disciplinas específicas foram pensadas a fim de discutir o corpo nessa perspectiva: 1) Cinesiologia Aplicada a Terapia Ocupacional; 2) Terapia Ocupacional e as Práticas Corporais I; 3) Terapia Ocupacional e as Práticas Corporais II, e 4) Terapia Ocupacional e as Práticas Corporais III. Os conteúdos abordados visam uma reflexão crítica teórico-prática da atuação do terapeuta ocupacional, novas relações com o corpo e com as formas de compreendê-lo na construção de um raciocínio clínico, com vistas a produção de saúde e cuidado.

A Disciplina de Terapia Ocupacional e as Práticas Corporais II, foco deste estudo, objetiva: possibilitar ao graduando conhecer as bases teóricas dos métodos de consciência corporal, que podem ser utilizados com as diferentes populações atendidas em terapia ocupacional; vivenciar as principais técnicas baseadas nestes métodos de consciência corporal e promover uma reflexão sobre estes métodos enquanto recursos terapêuticos; identificar possibilidades e contraindicação dos métodos para as diferentes condições de saúde e possíveis intervenções reabilitacionais. Para pensar o corpo são utilizados diferentes métodos de consciência corporal: o *Self-healing* de Meir Schneider^{3,4}, a eutonia de Gerda Alexander⁵; a consciência pelo movimento de Moshe Feldenkrais⁶ e a coordenação motora de Piret e Béziers⁷ e Hunsinger⁸. Todos estes são métodos desenvolvidos na segunda metade do Século XX e que se contrapõem à clássica cisão mente-corpo.

No método *Self-healing* (SH), a consciência cinestésica é considerada a consciência física e sensorial do corpo, que implica a exploração da capacidade de sentir as respostas do corpo tanto interna como externamente⁴ e, o movimento, uma das ferramentas mais versáteis para

o cuidado corporal e fundamental à vida³. A experimentação das técnicas de movimento consciente, visualização, respiração, massagem e automassagem favorece diálogo entre mente-corpo e desenvolvimento da capacidade de identificação dos comportamentos, ideias, sentimentos, que produzem determinados padrões corporais e mentais, que influenciam as funções corporais como um todo^{3,4}. Os benefícios do método na saúde das pessoas têm desdobramentos na qualidade de vida, realização das atividades cotidianas e participação social^{2,9,10}.

A eutonia, que significa harmonia entre as tensões que coexistem no corpo, propõe uma prática de atenção aos processos corporais, a partir da percepção da consciência e da exploração de características físicas: peso, volume, forma corporal, presença da pele, da estrutura óssea; da relação com o ambiente e seus estímulos e com os processos subjetivos: sentimentos, pensamentos e emoções⁵. Utiliza-se de procedimentos como tato consciente, transporte consciente, contato consciente e posições de controle - movimentos eutônicos¹¹. O método propõe uma educação para o movimento com abordagem somatopsíquica do ser humano, pois os processos corporais estão interligados aos mentais, emocionais e psíquicos.

Feldenkrais⁶ propõe um método que busca a consciência pelo movimento, e demonstra que o corpo é uma organização complexa e dinâmica que se funde a uma herança filo-onto-genética da espécie humana, apreendida e corporificada por mecanismos de educação e autoeducação. Propõe um método criativo, com exercícios que se desenham ganhando complexidade a medida em que o corpo é conhecido: do movimento impossível ao possível, do possível ao fácil e do fácil ao elegante. As lições do método possibilitam desautomatizar movimentos e posturas habituais do dia a dia a fim de descobrir potências, expandindo as possibilidades de ser e estar no mundo.

Piret e Béziers⁷ e também Hunsinger⁸ dedicam-se ao estudo da coordenação motora, partindo da análise do corpo dos bebês. Percebem que a constituição da mente e corpo são indissociáveis, o que é possível identificar em posturas mais coordenadas (bem-estar) ou descoordenadas/dissociadas (desconforto). A motricidade, nessa perspectiva, não é uma estrutura isolada, limitada à ação muscular, mas intimamente relacionada à estrutura psíquica, aos afetos e às relações. Para as autoras, o corpo é o centro das relações humanas.

Estes métodos dividem os mesmos princípios de como aprender a olhar, ler e sentir o corpo, para tanto, o ensino deste conteúdo exige a realização de oficinas de práticas corporais, para a valorização do compartilhamento e das experimentações enquanto recursos terapêuticos¹¹. Isso já ocorria no desenvolvimento da disciplina no

modo presencial, e num primeiro momento da pandemia foi adaptado considerando o contexto de ensino remoto.

Dado o contexto da pandemia por Covid-19, este relato de experiência visa refletir sobre o ensino remoto ministrado na Disciplina de Terapia Ocupacional e Práticas Corporais II no Curso de Terapia Ocupacional da USP campus capital, nos anos de 2020 e 2021.

Práticas corporais no contexto da pandemia por Covid-19

O ensino da disciplina durante a pandemia passou a ser ministrado na modalidade remota de modo abrupto, no início de 2020. Devido à falta de previsão de duração da pandemia foram ofertadas aulas virtuais síncronas, para garantir ao menos conteúdos teóricos.

A transformação urgente de espaços de ensino presenciais em remotos acompanhou o vivido por cursos da saúde pelo mundo¹²⁻¹⁷, e foi uma medida de proteção a saúde de estudantes e docentes¹⁸.

A transição não foi simples, pois não era possível uma conversão direta do formato presencial para o online. O uso de tecnologias digitais pode não funcionar quando o conteúdo e o ensino não são adaptados ao ambiente virtual, além das interferências pela imprevisibilidade de conexão¹⁹.

Organizou-se a disciplina com aulas teóricas síncronas e materiais didáticos via plataforma digital (Google Classroom) como: textos, vídeos e slides das aulas. Surgiram questões referentes ao impacto da pandemia nos cotidianos e o oferecimento das aulas síncronas, principalmente no que se refere ao compartilhamento do mesmo espaço e as mudanças nas rotinas dos estudantes e familiares. Os estudantes também manifestaram falta de motivação, ansiedade, sedentarismo, tensão e dores corporais e dúvidas sobre a viabilidade do aprendizado prático de modo remoto. Assim, levantaram-se questionamentos sobre a pertinência dos conteúdos práticos devido à necessidade do toque e do fazer junto para seu aprendizado.

As trocas nas aulas síncronas favoreceram um entendimento do momento vivido e a pedido dos estudantes foram realizadas aulas práticas remotamente, entendendo este pedido como uma busca por conteúdos e por se sentir pertencente ao curso, organizando seus cotidianos e oferecendo um espaço de cuidado.

Naquele momento, aprender e ensinar pressupunha, antes de tudo, acolher e estar junto e passou a fazer parte das atribuições da docência a oferta de apoio aos estudantes¹⁵ por meio de práticas de autocuidado. Os métodos utilizados pela disciplina facilitavam a instauração de espaços de cuidado, visto que exploravam a perspectiva de autocura e autocuidado. Como resultados positivos, os estudantes,

mesmo tendo cumprido os créditos, solicitaram a manutenção das aulas práticas remotas ao longo do semestre.

A mudança do ensino presencial para o remoto, na pandemia, pressupunha não apenas o ensino de conteúdos teóricos e técnicos, mas também uma reflexão sobre como trazer à pauta questões éticas e humanistas¹² em um modelo de ensino cada vez mais pragmático através da tela e, ainda mais desafiador.

Com a primeira experiência do ensino remoto em 2020, a disciplina foi aprimorada com ênfase em um ambiente remoto mais participativo e dinâmico, integrando teoria e prática com mais vivências e momentos de fazer junto. Para tanto, no oferecimento da disciplina em 2021 foram introduzidas outras ferramentas digitais: quadro colaborativo e interativo virtual (Jamboard) e o Mentimeter para registro e troca de experiências de forma mais dinâmica nas atividades síncronas. Isso facilitou a correlação teórico-prática e uma melhor seleção de técnicas corporais dos métodos já adotados para o novo formato da disciplina.

Identificou-se a importância de considerar as iniquidades educacionais neste novo modo de ensino remoto no que se refere ao cotidiano dos estudantes: condições de moradia, qualidade de conexão de internet, acesso a computadores^{14,17} e materiais disponíveis para as práticas corporais. Para tanto, foi adotado, desde 2020, o uso de objetos comuns e de fácil acesso no domicílio como: bola de tênis, bambu ou cabo de vassoura, garrafa de água, colher de pau, tijolo, pedra, banquinho ou livro grosso, colchonete, cobertor, que facilitaram o aprendizado e a experimentação de técnicas dos métodos de trabalho corporal. Também nesse sentido os estudantes receberam o apoio da universidade para o acesso a computadores e modems e, se mesmo assim, apresentavam dificuldades com a internet os estudantes desligavam as câmeras e continuavam participando.

Buscou-se contemplar questões relativas às alterações no formato dos encontros narradas pelos estudantes como, organização do cotidiano, administração do tempo e motivação¹⁴. Bem como observou-se como essencial buscar adaptar a disciplina para não interromper a formação e sustentar o vínculo dos estudantes com a universidade. Tais demandas foram consideradas a partir de aulas expositivas síncronas, oficinas de vivências síncronas e atividades assíncronas. Nas atividades assíncronas a disciplina foi organizada em dois momentos com ênfase em: 1) cuidado de si: com aplicação de técnicas dos métodos em si próprio durante a semana; 2) cuidado do outro: com aplicação de técnicas dos métodos em outra pessoa moradora na mesma residência que o estudante ou por videochamada em um amigo ou familiar. Essas estratégias visaram manter o foco nos estudantes em suas experiências e aprendizados e ressignificar o ensino na

pandemia considerando desde o planejamento até a execução das técnicas nos momentos de cuidado de si e do outro, a partir das demandas apresentadas, como uma forma de aproximação de aplicação prática de recursos terapêuticos com diferentes populações. Todas as atividades realizadas em momento assíncrono foram discutidas com os colegas e as docentes nas aulas síncronas.

A preparação do ambiente físico da casa e do cuidado do outro favoreceu o exercício de uma atitude de auto-observação e de observação do outro, a partir da reflexão sobre as possibilidades/potencialidades, dificuldades/limitações, dores, medos e inseguranças. A disciplina tanto na modalidade presencial como remota buscou uma análise mais aprofundada do corpo que pudesse ir além de apenas identificar encurtamentos ou de onde vêm as dores. Para tanto, também na modalidade remota foi possível explorar no estudante o aprender a ouvir o corpo e produzir leituras sobre suas manifestações, história, cultura, valores, crenças familiares e sociais.

O autoconhecimento e a percepção sobre o próprio corpo subsidiaram os estudantes a aprender a ler o corpo do outro em uma chave complexa, a partir do conteúdo vivido com as estratégias da disciplina, reconstruindo a teoria de modo crítico, compreendendo as diversidades dos corpos e diferentes resultados produzidos, muitas vezes, pela vivência de uma mesma técnica.

Assim, a disciplina proporcionou além de um aprendizado do conteúdo, a produção de espaços de cuidado de si e dos familiares ou amigos dos estudantes. Aprendiam a cuidar, e se cuidavam para conseguir aprender. O ensino pôde sair da dureza e da virtualidade dos computadores, tablets e celulares para voltar-se ao cotidiano, e a materialidade das pessoas e dos corpos. Nas aulas síncronas, os estudantes puderam contar suas vivências, tirar dúvidas sobre a realização dos métodos em casa e a aplicação das técnicas corporais em amigos e parentes cuidados por eles. Nas situações em que a aplicação no outro foi realizado de modo remoto pelos estudantes, foi enfatizado a habilidade de planejar, compreender e explanar para o outro o modo de realizar a prática corporal.

A proposta da disciplina considerou as queixas dos estudantes nos dois anos de seu oferecimento remoto, pois relatavam chegar às aulas desanimados, cansados, com dor, tensos, ansiosos e com cansaço visual devido às atividades na tela.

Assim, foram vivenciadas técnicas de visualização e de movimentos (circulatórios, lentos e suaves), realização de movimentos desconhecidos visando relaxamento e consciência corporal; para o descanso visual, o empalmar (oclusão da visão com a palma da mão), mudanças de foco

da visão, olhar diferentes distâncias, piscar, entre outros exercícios do método *self-healing*⁴; sensibilização da superfície da pele, para despertar a sensação tátil e consciência corporal; atenção aos apoios, pesquisa de seus corpos na tridimensionalidade, percepção do volume, da estrutura óssea e do espaço interno, relativas à eutonia⁵. Os estudantes eram levados a perceber as diferenças entre as unidades de coordenação e a transmissão da força por elas, a luz do método da coordenação motora⁷, experienciar posturas de coordenação e descoordenação, refletir sobre o desenvolvimento filo-onto-genético da espécie e como eles se percebiam; calibrar os ombros e pescoço, mobilizar a coluna vertebral, os membros superiores, perceber os pequenos movimentos do corpo, desconstruir hábitos motores e testar diferentes qualidades do toque sobre o corpo, dentre outras estratégias do método Feldenkrais⁶.

Com variações a depender da turma de estudantes, algumas práticas aplicadas nos anos anteriores de modo presencial, também foram possíveis de serem vivenciadas na modalidade remota dado os recursos utilizados nas experiências síncronas e nas vivências desenvolvidas de modo assíncrono.

Desse modo, as práticas instigaram os estudantes a perceber o corpo de modo mais complexo e integrando as diferentes dimensões que envolvem a experiência corporal, o que permitiu identificarem melhora na atenção, respiração, concentração, diminuição das dores e desconfortos. Alguns se sentiram mais despertos, presentes, outros mais calmos, leves e relaxados. Relataram melhora do conhecimento ou consciência corporal e diminuição de tensões desnecessárias nas atividades cotidianas. Foram identificadas sensações de melhora da circulação sanguínea, aprendizado quanto à qualidade dos movimentos realizados no cotidiano ao serem executados de maneira mais consciente e menos automatizados, uma compreensão aos diferentes tempos do corpo para o descanso e a realização das atividades, e uma sensação de que o corpo era capaz de ser e estar no mundo. Uma minoria continuava referir cansaço, desconforto, dor ou sono, contudo, reconhecia alguma melhora durante a aula. O aprendizado das técnicas, assim como aprender a conduzir uma prática corporal também foram pontos importantes apontados pelos estudantes como saldos positivos da disciplina. Em lousas virtuais coletivas eram expressas as vivências das técnicas e seus efeitos, favorecendo o aprendizado e o compartilhamento de experiências.

O ensino-aprendizagem e a capacitação para a utilização das práticas corporais, vislumbraram uma projeção de suas formas de aplicação, implicadas em um compromisso ético com os participantes, o que remete

a uma reflexão crítica na formulação de projetos terapêuticos traçados pelos estudantes para familiares e amigos, contemplando um dos objetivos da disciplina.

As experimentações das técnicas corporais em si e a aplicação da mesma com parentes ou amigos, uma inovação introduzida na modalidade de ensino remota, demandaram, por parte dos estudantes, planejamento das técnicas, estabelecimento de relações, o estabelecimento de uma boa comunicação, um estudo sobre o próprio corpo e o corpo do outro considerando necessidades, dificuldades e desejos. Nessa aprendizagem se mesclam elementos fundamentais para a formação profissional com destaque para o aprendizado da leitura dos corpos. Nas análises produzidas pelos estudantes sobre esse ponto, foram identificadas uma sensação de maior presença e autoconhecimento do corpo; de maior flexibilidade, alívio de dores; sensação de bem-estar e produção de sentido; o desenvolvimento de um olhar atento e responsável para o outro; a construção de espaços de compreensão, confiança e cuidado.

O desenvolvimento remoto da disciplina exigiu avaliação contínua e uma postura do estudante ativa e participativa. Os estudantes manifestavam ter conseguido se superar apesar das dificuldades, maior confiança, autodescoberta, responsabilidade com o corpo do outro, sentirem-se gratos pela possibilidade de cuidar de um familiar ou amigo e se sentirem valorizados por isso, com mudanças de seus lugares nestas relações.

Contudo, assistir as aulas em casa modificava a dinâmica da própria casa e alguns estudantes se sentiam atrapalhando a família. Assim, trazer as famílias e amigos como participantes das atividades, possibilitou uma ressignificação do espaço da disciplina, destacado em trabalhos finais como: reaproximações de familiares, melhor compreensão do outro; resgate e fortalecimento de vínculos; retomada de experiências de toque e com o corpo das mães, pais e irmãos perdida após a infância; olhar com mais atenção para o próprio corpo e para o corpo do outro. Assim, saber acolher o outro também fez parte do aprendizado.

Os estudantes avaliaram a disciplina como necessária em seu cotidiano, revigorante, libertadora, que lhes permitiu ter acesso às emoções e sentimentos e a seus próprios corpos. Constatou-se durante a disciplina momentos de cuidado, acolhimento de angústias, incertezas, ansiedades e dores, intensificadas pela pandemia.

Outros apontaram que fariam a disciplina de novo, manifestaram curiosidade sobre como teria sido no modo presencial. Foi desafiadora para uns e triste por ser online, para outros. Já alguns estudantes da turma de 2020, avaliaram a disciplina como teórica apesar dos momentos práticos realizados.

O compartilhamento das experiências possibilitou devolutivas sobre a assertividade da escolha das estratégias pedagógicas adotadas. Entretanto, por mais que se tenha conseguido alcançar resultados positivos, foi possível ensinar apenas uma parte do conteúdo. Ficaram de fora técnica de massagem em duplas, receber e fazer toques específicos de cada técnica nos colegas, exercícios de movimentos em duplas ou em grupos e experiências que exigiam objetos específicos, tais como uso de diferentes tamanhos de bolas para apoio em diferentes partes do corpo e automassagem com os mesmos.

Embora as docentes e os estudantes reconheçam os pontos exitosos do ensino remoto da disciplina de práticas corporais, não se defende aqui o ensino à distância dessa disciplina. Há um aprendizado sobre o corpo e o trabalho com ele que ocorre apenas no contato com o outro, com o toque que só pode ocorrer ao vivo e de modo presencial.

CONCLUSÃO

O oferecimento, de forma adaptada, da disciplina de Terapia Ocupacional e Práticas Corporais II na pandemia, mostrou-se essencial para não interromper a formação, sustentar o vínculo dos estudantes com a universidade e organizar seu cotidiano, embora se reconheça que houve uma perda irreparável para o processo de ensino e aprendizagem no formato remoto.

A experiência das práticas corporais tal como foi organizada possibilitou acolher os estudantes, estar presente e oferecer recursos para que eles pudessem cuidar de si e do outro. Houve uma diversidade e pluralidade de vivências de práticas corporais conectadas com o ensino teórico e crítico bem como uma projeção de suas formas de aplicação em diferentes situações e condições de saúde das pessoas.

Considerando que as práticas corporais constituem um campo de intervenção da Terapia Ocupacional, aponta-se para a necessidade de mais estudos sobre este processo formativo em outros contextos.

Contribuição dos Autores: *Rosé Colom Toldrá:* Coordenação do relato de experiência. Contribuiu no delineamento do estudo, redação do manuscrito e em sua revisão crítica. *Camila Cristina Bortolozzo Ximenes de Souza:* Contribuiu no delineamento do estudo, levantamento de literatura e na organização dos resultados. Contribuiu na redação do manuscrito e revisão crítica. Todos os autores aprovaram a versão final do texto.

REFERÊNCIAS

1. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Política Nacional de Promoção da Saúde. Brasília; 2010 [citado 9 set. 2022]. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_promocao_saude_3ed.pdf
2. Toldrá RC, Cordone RG, Arruda BA, Souto ACF. Promoção da saúde e da qualidade de vida com idosos por meio de práticas corporais. Mundo Saúde. 2014;159-68. doi: <https://doi.org/10.15343/0104-7809.20143802159168>
3. Schneider M, Larkin M, Schneider D. Manual de autocura: método self-healing. São Paulo: Triom; 1998.
4. Schneider M, Larkin M, Schneider D. Manual de autocura: patologias específicas - método Self-Healing 2a Parte. São Paulo: Triom; 1999.
5. Alexander G. Eutonia. Um caminho para a percepção corporal. São Paulo: Martins Fontes; 1983.
6. Feldenkrais M. Consciência pelo movimento. 9a ed. São Paulo: Summus editorial; 1977.
7. Piret S, Béziers MM. A coordenação motora: aspectos mecânicos da organização psico-motora do homem. 3a ed. São Paulo: Summus editorial; 1992.
8. Béziers MM, Hunsinger Y. O bebê e a coordenação motora. São Paulo: Summus editorial; 1994.
9. Toldrá RC. Terapia ocupacional e o método self healing: criando novas possibilidades de viver corpo. In: Pádua EMM, Magalhães LV, organizadores. Casos, memórias e vivências em terapia ocupacional. Campinas: Papyrus; 2005. p.97-114.
10. Pimentel PP, Toldrá RC. Método self-healing como estratégia de promoção à saúde e reabilitação de pessoas com esclerose múltipla no contexto da terapia ocupacional. Cad Bras Ter Ocup. 2017;25(3):565-73. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO0992>
11. Dascal M. Eutonia: o saber do corpo. São Paulo: Editora Senac São Paulo; 2008.
12. Pather N, Blyth P, Chapman JA, Dayal MR, Flack NAMS, Fogg QA, et al. Forced disruption of anatomy education in Australia and New Zealand: an acute response to the Covid-19 pandemic. Anat Sci Educ. 2020;13(3):284-300. doi: <https://doi.org/10.1002/ase.1968>
13. Gustafsson L. In celebration of the 2020 occupational therapy graduates. Aust Occup Ther J. 2020;67(6):515-6. doi: <https://doi.org/10.1111/1440-1630.12711>
14. Gustafsson L. Occupational therapy has gone online: what will remain beyond COVID-19? Aust Occup Ther J. 2020;67(3):197-8. <https://doi.org/10.1111/1440-1630.12672>
15. Peart A, Wells N, Yu M, Brown T. 'It became quite a complex dynamic': the experiences of occupational therapy practice educators' move to digital platforms during the COVID-19 pandemic. Aust Occup Ther J. 2022;69(1):38-49. doi: <https://doi.org/10.1111/1440-1630.12767>
16. Pinho PS, Freitas AMC, Cardoso MCB, Silva JS, Reis LF, Muniz CFD, et al. Trabalho remoto docente e saúde: repercussões das novas exigências em razão da pandemia da Covid-19. Trab Educ Saúde. 2021;19:e00325157. <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00325>
17. Silva PHS, Faustino LR, Oliveira Sobrinho MS, Silva FBF. Educação remota na continuidade da formação médica em tempos de pandemia: viabilidade e percepções. Rev Bras Educ Medica. 2021;45(1):e044. <https://doi.org/10.1590/1981-5271v45.1-20200459>
18. Falbo GH, Araújo CAL, Souza ES. Medical education in times of COVID – 19: an experience at Faculdade Pernambucana da Saúde. Rev Bras Saúde Materno Infant. 2021;21(Suppl 2): 539-44. <https://doi.org/10.1590/1806-9304202100S200012>
19. Burgess G, Holt A, Agius R. Preference of distance learning methods among post-graduate occupational physicians and hygienists. Occup Med. 2005;55(4):312-8. doi: <https://doi.org/10.1093/occmed/kq1117>

